

## A Casa Xinguana

### The Xingu people's traditional house

<sup>1</sup>João Mário de Arruda Adrião

<sup>2</sup>Thalysson Paulo Alves Pacheco

<sup>3</sup>Tirawá Waurá

#### RESUMO

O Alto Xingu, região do Parque Indígena do Xingu que concentra as nascentes e rios formadores do rio Xingu, abriga povos de 11 etnias, e que têm alguma similaridade cultural. Apesar da influência da cultura endógena a partir do contato, preservam e valorizam sua cultura, transmitida através das gerações, nos rituais, no modo de viver e de ver o mundo, na pintura corporal, na alimentação, e também da arquitetura. Esse artigo tem como objetivo fazer uma comparação entre as casas dos povos Waurá, Kamayurá e Kalapalo, que apresentam soluções estruturais e formais similares.

**Palavras-chave:** Etnoarquitetura; Arquitetura vernacular; Arquitetura em madeira; Alto Xingu.

#### ABSTRACT

Alto Xingu, a region of the Xingu Indigenous Park that concentrates the springs and rivers that form the Xingu River, is home to people of 11 ethnic groups, who have some cultural similarity. Despite the influence of endogenous culture from contact, they preserve and value their culture, transmitted through the generations, in rituals, in the way of living and seeing the world, in body painting, in food, and also in architecture. This article aims to make a comparison between the houses of the Waurá, Kamayurá and Kalapalo peoples, which present similar structural and formal solutions.

**Keywords:** Ethnoarchitecture; Vernacular architecture; Wooden architecture; Alto Xingu.

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Mato Grosso *campus* Barra do Bugres, joamarioarquiteto@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade do Estado de Mato Grosso *campus* Barra do Bugres, thalysson.arq@gmail.com

<sup>3</sup> Escola Estadual Indígena de Educação Básica Piyulaga, tirawa73@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

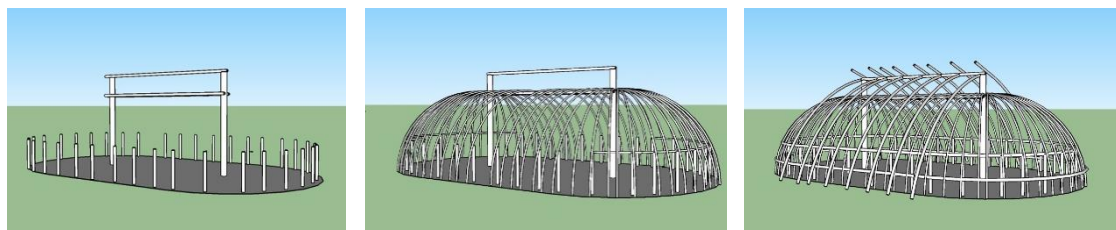
São onze povos<sup>4</sup> que habitam o Alto Xingu, porção sul do Parque Indígena do Xingu, povos tradicionais daquela região, que mantém alguma similaridade cultural. O Parque está localizado a nordeste do estado de Mato Grosso, numa área de cerca de 2.600.000 hectares, com grande biodiversidade, do cerrado, ao sul, até a floresta amazônica ao norte (ISA, s/data).

Nas aldeias visitadas, com mais de 20 casas em torno de um grande pátio central, a prática da construção tradicional se mostra viva, podendo em uma mesma aldeia apresentar casas com diferentes configurações em relação às dimensões, formato das portas e número de pilares, porém são todas variações de um mesmo modo de construir.

A forma da casa é sempre definida por uma trama de varas finas, curvadas ou não, e apoiadas sobre a estrutura principal, composta por pilares e vigas de madeira bruta. Pode-se utilizar o termo “etnoarquitetura”, que segundo Portocarrero (2010. p.187), é entendido como uma arquitetura produzida por uma determinada etnia, na qual suas características construtivas têm influência do contexto físico cultural em que ela está inserida.

Pretende-se neste trabalho apresentar uma descrição comparativa do desenvolvimento da construção dessas edificações tradicionais, ilustrando as etapas, materiais e técnicas utilizadas pelos povos de três etnias do Alto Xingu. A descrição dessas e de outras técnicas construtivas vernaculares podem ser importantes para fomentar a discussão acerca de uma maior consciência na forma em que interagimos com o ambiente em que estamos inseridos.

Figura 01 – Desenho esquemático das etapas da construção de uma casa Waurá.



Fonte: Arnaldo Neto, 2019

<sup>4</sup> Segundo o ISA, os povos que habitam o Alto Xingu são os Aweti, Kalapalo, Kamaiurá, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvotu, Trumai, Wauja e Yawalapiti. Outros povos, os Ikpeng, Kaiabi, Kîsêdjê, Tapayuna e Yudja, também habitam o Parque mas “não fazem parte do complexo cultural alto-xinguano e são bastante heterogêneos culturalmente. Foram integrados aos limites da área demarcada por razões de ordem administrativa, em alguns casos implicando o deslocamento de suas aldeias” (ISA, s/data). **Zeiki**, Barra do Bugres, v. 1, n. 1, p. 93-101, (2020).

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

O levantamento das casas foi feito em visitas às aldeias dos povos Waurá, Kamayurá<sup>5</sup> e Kalapalo, entre outubro de 2017 e setembro de 2019.

Nas visitas foram feitas medições das dimensões das casas, anotadas em um *croquis* de campo, registros fotográficos de detalhes construtivos e do ambiente, bem como registro de casas acabadas e em construção.

Características das casas e usos da construção foram relatadas pelo professor Tirawá Waurá, além de pesquisa bibliográfica.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As casas das etnias residentes no Alto Xingu apresentam formas variadas a partir de uma concepção estrutural comum. A dimensão da casa pode variar em função das necessidades da família, que pode ser composta por até 15 pessoas. No centro da casa é o local onde fica acesa uma pequena fogueira, onde são preparados alguns alimentos, servindo também para aquecer a casa durante a noite, e uma terceira função, de preservação da madeira e do sapé, já que a fumaça ajuda a mantê-los secos, evitando assim o apodrecimento precoce desses materiais. As duas portas centrais, uma voltada para o pátio da aldeia, onde acontecem as relações sociais, e outra para os fundos da casa, são as únicas entradas de luz. As atividades cotidianas de preparo de alimentos, execução de artefatos, reunião da família são feitos na área central, próximo às portas, ou na área externa aos fundos da casa. Nas extremidades da casa são armadas redes, área mais privativa dos moradores (ISA, s/data; CIDADE, 2019).

Segundo Portocarrero (2010), as casas das etnias residentes no Alto Xingu apresentam formas similares, são casas de “planta ovalada nas extremidades e um segmento central de lados paralelos”. A dimensão das casas pode variar de 16,00 x 10,00 metros segundo medição no local, a “30 m de comprimento por 13 m de largura”, com altura de 5 a 8 metros, segundo dados de levantamento de outros pesquisadores (PORTOCARRERO, 2010; LENGEN, 2013; CIDADE, 2019)

As imagens da Figura 02 mostram diferentes casas das aldeias pesquisadas:

---

<sup>5</sup> Ambas as grafias “Kamayurá” e “Kamaiurá” são utilizadas pelos autores consultados. Zeiki, Barra do Bugres, v. 1, n. 1, p. 93-101, (2020).

Figura 02 - Casas nas aldeias Piylulaga, do povo Waurá; Kamayurá e Kalapalo

WAURÁ:



KAMAYURÁ:



KALAPALO:



Fonte: Autor, 2017/2019

As casas maiores apresentam um complexo sistema de pilares em “X”, enquanto as menores tem pórticos simples compostos por pilares verticais e vigas (figuras 03).

Figura 03 – Estrutura em “X” da casa Waurá e Kamayurá.



Fonte: Autor, 2017

A construção de uma casa dura cerca de “5 meses ou mais” (WAURÁ, 2011. p.30), e pode ser construída em regime de mutirão, ou por apenas membros da família. Começa com a seleção e retirada das madeiras adequadas, de modo a terminar a construção e sua cobertura antes da primeira chuva. A durabilidade de uma casa pode chegar a 7 anos e após esse tempo uma nova casa é construída. Eventualmente a cobertura pode ser substituída, sendo mantida a estrutura da casa.

A execução de uma casa tem início com a colocação dos pilares centrais e da viga cumeeira. Em seguida, seguindo marcação feita no solo, são colocados os pilares periféricos, com cerca de 1,50 m de altura, onde são amarradas as vigas periféricas, formadas por um feixe de 2 ou 3 troncos com 8 a 10cm de diâmetro, para permitir sua continuidade nas partes curvas da estrutura (Figura 04). Nos pilares centrais, além da cumeeira apoiada sobre eles, são amarradas duas vigas intermediárias, cerca de 1,00 metro abaixo da cumeeira.

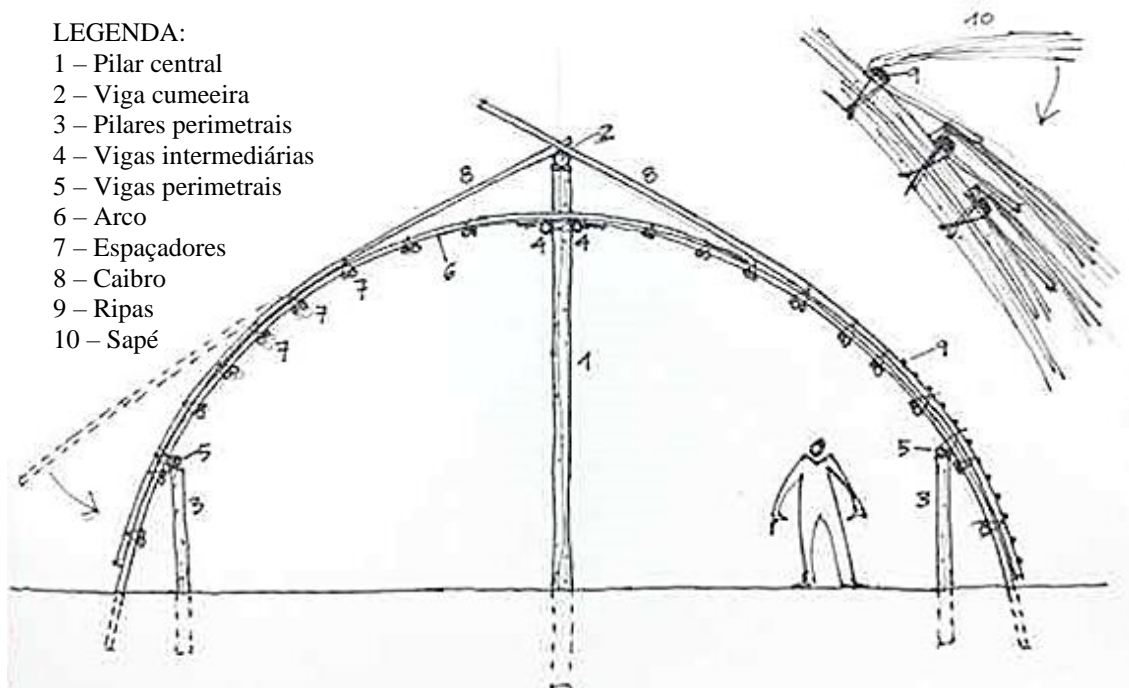
Figura 04 - Viga de feixes de madeira apoiada sobre os pilares periferais



Fonte: Autor, 2017

Após a montagem da estrutura principal, tem início a execução da trama de varetas roliças, finas e compridas, que dão forma à casa, como mostrado no corte esquemático da Figura 05.

Figura 05 – Corte esquemático de uma casa Waurá



Fonte: Autor, 2017

Inicialmente peças longas e flexíveis são enterradas no solo, a cerca de 0,70m dos pilares perimetrais, e curvadas, apoiadas e amarradas nas vigas perimetrais e nas vigas intermediárias, com espaçamento de 0,60m entre si. O processo se repete de ambos os lados, com as pontas das peças de lados opostos amarradas umas às outras, formando assim um arco completo. Sob esses arcos são amarrados feixes de troncos flexíveis, denominados aqui “espaçadores”, com a função de manter o espaçamento entre eles.

Em seguida são fixados à viga de cumeeira os “caibros”, que são depois curvados, apoiando nos feixes de troncos (espaçadores) e na viga perimetral, e amarrados na base dos arcos, definindo assim a forma final da cobertura/parede.

A partir das extremidades da cumeeira e até o centro da casa, amarrados à viga perimetral, são lançados dois troncos finos, de cada lado, formando um “X” para contraventamento da estrutura na maior dimensão (Figura 06).

Figura 06 – vista interna da estrutura, com destaque para os espaçadores e contraventamento



Fonte: Autor, 2017

Nos caibros, a cada 0,20m, são então amarradas horizontalmente as “ripas”, troncos finos e flexíveis, que vão receber a cobertura de sapé. Depois da casa coberta, o sapé é aparado

na base da casa, ficando ligeiramente elevado do solo, evitando assim a umidade (Figura 07).

Figura 07 - Cobertura de sapé antes e depois de aparada



Fonte: Autor, 2017

Dependendo das dimensões da casa e da maior ou menor flexibilidade dos “caibros”, a cobertura pode apresentar sutis diferenças de curvatura, resultado das características do material. O conhecimento da construção da casa, bem como de outras diversas atividades como a caça, a pesca, os rituais, a pintura corporal, são passados de pais para filhos ao longo do tempo, num processo de aprendizagem em que a criança acompanha as ações do cotidiano, e aprende assim, observando e naturalmente participando.

#### 4 CONCLUSÃO

A cultura de um povo se mostra através de um conjunto de características religiosas, éticas, alimentares, artísticas, na forma de viver e de ver o mundo, nos rituais, na música e na dança, nas pinturas corporais entre tantas outras manifestações passadas através das gerações.

Figura 08 – Aldeia Kalapalo, Alto Xingu



Fonte: Autor, 2019

Zeiki, Barra do Bugres, v. 1, n. 1, p. 93-101, (2020).



A arquitetura, entre essas características, utiliza de recursos disponíveis na natureza para atender às necessidades de uma família, composta por pessoas de três ou quatro gerações, e sofre influência do meio externo, no entanto preservando uma de suas principais características, o espaço amplo e sem divisões, adequado ao clima e protegido das intempéries, abrigando as diversas atividades do cotidiano.

O conceito de arquitetura, que procura atender às necessidades do usuário, utiliza materiais e técnicas locais, respeita o entorno, ao mesmo tempo que apresenta características individuais, é presente na casa xingwana, incluindo o conceito subjetivo de beleza, mostrando a verdade dos materiais e o conceito estrutural, que tira partido das características do material utilizado: peças mais robustas nos pilares e vigas retas, e peças finas e flexíveis nas vigas curvas e “caibros”, que definem o desenho da dupla curvatura da cobertura, no plano horizontal e no plano vertical, que molda o desenho da casa.

## REFERÊNCIAS

CIDADE, Escola da. **Manual da Arquitetura Kamayurá**. Escola da Cidade e Povo Kamayurá. Jul.2019. Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/923178/manual-de-arquitetura-kamayura>> acesso em março.2020.

ISA. Instituto Socioambiental. **Povos Indígenas no Brasil: Xingu**. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xingu>> acesso em abril.2020

PORTOCARRERO, J, A, B. **Tecnologia Indígena em Mato Grosso: habitação**. 1. ed. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2010

VAN LENGEN, Johan. **Arquitetura dos índios da Amazônia**. São Paulo: B4 Ed. 2013. 132p.

WAURÁ, Arapawa. **Arquitetura na aldeia Waurá**. in Cultura e Sociedade. Org.: Elias Januário e Fernando Selleri Silva. Faculdade Indígena Intercultural – Universidade do Estado de Mato Grosso. 2011.

**Recebido em:** abril de 2020.

**Aprovado em:** julho de 2020.

### Como citar este trabalho:

ADRIÃO, J. M. A.; PACHECO, T. P. A. P.; WAURÁ, T. A casa Xingwana. **Zeiki**, Barra do Bugres, v. 1, n. 1, p. 93-101, (2020).